

DISCURSO, ARTE, CULTURA:

efeitos de sentido na prova de linguagens do ENEM 2023

Déborah Vitória de Souza Silva¹

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli²

RESUMO: Este artigo busca examinar os efeitos de sentido relacionados à arte e à cultura em questões presentes na prova de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias e Redação do ENEM 2023, com o objetivo de entender como esses temas são articulados e apresentados no exame. Com base na Análise do Discurso materialista, buscamos investigar de que maneira a prova mobiliza questões de arte e literatura para refletir sobre contextos sociais, culturais e históricos, promovendo uma leitura crítica por parte dos candidatos. O corpus de análise inclui questões que tratam desde produções literárias a pinturas, canções e outras linguagens artísticas, as quais exploram diversos aspectos artísticos e culturais advindos de diferentes contextos históricos e sociais. A pesquisa parte da hipótese de que essas questões vão além da mera interpretação textual ao promover reflexões sobre a inter-relação entre arte, cultura e política.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Sentidos. ENEM. Arte. Cultura.

ABSTRACT: This article aims to examine the meaning effects related to art and culture in questions from the “Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias” (Languages, Codes, and Their Technologies) and Essay sections of the 2023 ENEM exam. Its objective is to understand how these themes are articulated and presented in the exam. Based on materialist Discourse Analysis, this study seeks to investigate how the exam mobilizes issues of art and literature to reflect on social, cultural, and historical contexts, fostering critical reading among candidates. The corpus of analysis includes questions addressing various artistic languages—ranging from literary works to paintings, songs, and other forms of artistic expression—exploring diverse artistic and cultural aspects derived from different historical and social contexts. The research hypothesizes that these questions go beyond mere textual interpretation, promoting reflections on the interrelation between art, culture, and politics.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Meanings. ENEM. Art. Culture.

1 INTRODUÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma das principais avaliações educacionais no Brasil, reconhecido por sua amplitude e relevância para o ingresso

¹ Licencianda em Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

no Ensino Superior. A prova do ENEM é estruturada em quatro áreas do conhecimento - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, e Matemática e suas Tecnologias -, além da redação. Nosso foco, a prova de Linguagens, abarca língua portuguesa, literatura, idioma estrangeiro, artes, educação física e tecnologias da informação.³

A prova foi criada pelo Governo Federal durante a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em um cenário onde menos de 50% dos jovens entre 15 e 17 anos estavam matriculados no ensino médio.⁴ Uma das metas era mapear o cenário educacional e, a partir dos dados obtidos, planejar políticas públicas eficazes. No entanto, ao longo do tempo, sua função se transformou, tornando-se um critério importante para o ingresso nas instituições de ensino superior, refletindo as demandas do sistema educacional brasileiro.

Desde 2009, o exame foi reorganizado em quatro matrizes, correspondentes a cada área do conhecimento, e o total de questões de múltipla escolha aumentou para 180, com 45 questões por área. Dessa forma, a prova, que antes ocorria em um único dia, passou a ser aplicada em dois dias. A área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias é composta por uma prova de Redação e 45 questões de múltipla escolha, sendo que, desde 2010, cinco dessas questões são dedicadas à avaliação de Língua Estrangeira Moderna (Inglês ou Espanhol), conforme a escolha do candidato no momento da inscrição. A área de Linguagens abrange nove competências, relacionadas a trinta habilidades. As competências primeira e nona conectam o estudo das Tecnologias da Comunicação e Informação com o texto e o discurso, exigindo a identificação, compreensão e análise da função social, das linguagens e dos recursos expressivos dessas tecnologias, bem como sua aplicação em diversos contextos. Por sua vez, as competências segunda, terceira e quarta referem-se às áreas de Língua Estrangeira, Educação Física e Artes, respectivamente.

As quatro competências restantes são voltadas para os conhecimentos específicos de Língua Portuguesa e Literatura. A quinta competência aborda as

³ De acordo com a Matriz de Referência do ENEM (2009). Esse documento elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) define as habilidades e competências que são avaliadas nas provas. Ela é uma ferramenta essencial para guiar a elaboração das questões do exame, bem como para orientar os estudantes e professores no processo de preparação.

⁴ Baseado na Sinopse Estatística da Educação Básica/Censo Escolar de 1998.

relações entre o texto literário e seu contexto sócio-histórico e estético, além da análise dos recursos expressivos e composicionais, assim como os valores que emergem da obra. A sexta enfatiza a compreensão e o uso de diferentes linguagens, incluindo tópicos variados, como as funções da linguagem, os elementos que promovem a progressão temática e a relevância do patrimônio linguístico. A sétima competência concentra-se na argumentação, explorando recursos linguísticos e não linguísticos, bem como os procedimentos e estratégias utilizadas para convencer e persuadir. A oitava trata da língua como um fator de identidade, com foco nas variedades linguísticas e na norma padrão. Todas essas quatro competências são reinterpretações literais de competências gerais estabelecidas para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (LCT) pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000).

Finalmente, são apresentados os objetos do conhecimento vinculados a cada área. No contexto de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, os objetos concentram-se na língua e na literatura. O primeiro objeto é o Estudo do Texto, que investiga sequências discursivas e gêneros textuais dentro do sistema de comunicação e informação. O segundo, o Estudo do Texto Literário, analisa as relações entre a produção literária e o processo social, contemplando concepções artísticas e os procedimentos de construção e recepção de textos. Além disso, há o Estudo dos Aspectos Linguísticos em Diferentes Textos, que examina os recursos expressivos da língua e os métodos de construção e recepção de textos. O Estudo do Texto Argumentativo se dedica a explorar seus gêneros e recursos linguísticos, incluindo tipos, gêneros e usos em língua portuguesa. Também é importante o Estudo dos Aspectos Linguísticos da Língua Portuguesa, que abrange os usos da língua, incluindo a norma culta e a variação linguística. Por último, o Estudo dos Gêneros Digitais enfoca a tecnologia da comunicação e informação, ressaltando seu impacto e função social.

A pesquisa proposta visa, nessa perspectiva, analisar as discursividades sobre cultura e arte presentes na prova de linguagens do ENEM de 2023, com o intuito de compreender como esses saberes são abordados e articulados no exame. Sob um viés discursivo, buscamos investigar de que maneira a prova mobiliza questões de arte e literatura para refletir sobre contextos sociais, culturais e históricos, promovendo uma leitura crítica por parte dos candidatos. Para tanto, definir os conceitos de cultura e arte, explorando seus efeitos de sentido nas

questões do exame, considerando as diversas materialidades que compõem a prova de Linguagens, especificamente. Além disso, buscamos compreender a inter-relação entre cultura e arte, examinando como essas temáticas se entrelaçam e circulam nas atuais condições de produção.

A prova de Linguagens destaca-se por sua abordagem interdisciplinar, conectando as linguagens artísticas e literárias a contextos culturais, sociais e históricos. Por meio da análise de textualidades, como pinturas, poemas, músicas e narrativas visuais, o exame exige dos candidatos a capacidade de interpretar criticamente as manifestações culturais, refletindo sobre seu papel na sociedade contemporânea. Além disso, a prova busca relacionar essas linguagens com movimentos artísticos e literários de diferentes épocas, evidenciando como a arte e a literatura dialogam com o mundo e contribuem para a formação de identidades e valores culturais. Desse modo, o exame reforça a importância de compreender as linguagens como ferramentas de análise crítica do presente e da história, integrando-as ao pensamento sobre os desafios e transformações do mundo atual.

Em "Discurso: estrutura ou acontecimento", Pêcheux (2015) ressalta que a arte, especialmente a poesia e o humor, está intrinsecamente ligada à linguagem e ao discurso. Isso justifica uma análise discursiva da arte (e da cultura), pois ela é criada por sujeitos afetados pela ideologia e pelo inconsciente. Michel Pêcheux (2015) ainda discute os desafios de pensar a arte a partir da Análise do Discurso (AD), com destaque para o paradoxo de tratar a arte como campo discursivo: por um lado, há o risco de simplificá-la e, assim, apagar sua potência criativa; por outro, o erro de considerá-la um campo à parte, isento das influências ideológicas e inconscientes que regem outros discursos.

Ao considerarmos a arte, é evidente a dificuldade de encontrarmos uma definição única devido à multiplicidade de significados que ela evoca. Neckel (2019) aborda a arte como um espaço de significação e atravessamentos discursivos, reconhecendo-a como um campo profícuo para o funcionamento de diferentes materialidades significantes e suas imbricações. Além disso, abordar a cultura envolve considerar o sujeito, a história e a memória coletiva de um grupo, suas interações com outras culturas e sua organização social, adaptando-se ao ambiente e estabelecendo regras para sua própria estrutura. Sujeitos são agentes das práticas históricas, atuam a partir das determinações das formas de existência histórica e agem imersos na história, tal como expresso por Althusser (1978, p. 67) - "[...] os

agentes-sujeitos são ativos na história sob a determinação das relações de produção e reprodução, e em suas formas".

O papel formativo da arte e sua relevância no contexto educacional despertam uma reflexão fundamental sobre a presença de elementos artísticos nas questões do ENEM. Essas indagações servem como ponto de partida para uma análise da construção simbólica dessas questões, suas abordagens ideológicas e as representações culturais que delas emergem. Segundo Neckel (2019), é essencial compreender os diversos modos de funcionamento das expressões artísticas, dada sua vasta gama de manifestações materiais. Essas expressões não apenas variam em formas visíveis, mas também se entrelaçam com questões sócio-históricas e ideológicas distintas. Assim, a investigação proposta não apenas ilumina a inter-relação entre arte e cultura, mas também revela como essa articulação pode contribuir para a formação de uma compreensão crítica e reflexiva do mundo contemporâneo, preparando os estudantes para os desafios e transformações da sociedade atual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Análise do Discurso (AD) de vertente pecheutiana é uma disciplina de entremeio, que faz trabalhar em seu interior as contradições de outras disciplinas, produzindo deslocamentos, e se beneficiando de contribuições da linguística, filosofia, sociologia, psicologia e outras disciplinas. Isso amplia sua abordagem para além da análise linguística tradicional, permitindo uma outra compreensão dos discursos em diferentes contextos sociais e culturais. A AD, como define Orlandi (2015, p. 26), “visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. A autora, destaca, ainda, a natureza construída e dinâmica dos sentidos que emergem dos/nos discursos.

As possibilidades de investigação, realização e expansão da AD são virtualmente ilimitadas dentro dos pressupostos teórico-metodológicos que a sustentam, pois ela possui um objeto próprio (o discurso), uma unidade de análise (o texto⁵), procedimentos analíticos específicos e pressupostos teóricos que delineiam

⁵ Para Orlandi (2015; 2020), o texto é considerado um objeto de sentido, ou seja, uma unidade que ganha significado a partir das condições de produção que o cercam. Isso envolve fatores históricos, sociais, ideológicos e subjetivos que determinam como o texto é interpretado. Nessa perspectiva, o

um campo disciplinar. Como resultado, a AD contribui significativamente para o conhecimento nas ciências humanas, para as reflexões sobre nossa formação social. A Análise do Discurso (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux na França dos anos 1960, surgiu em um cenário intelectual onde o estruturalismo e o formalismo predominavam nos estudos linguísticos, enfatizando a análise da língua em sua estrutura interna. Pêcheux, no entanto, propôs uma abordagem inovadora ao sugerir que as condições sócio-históricas e ideológicas desempenham um papel crucial na produção de sentidos.

A partir do texto “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, Pêcheux e Fuchs se dedicam a discutir os princípios e desafios da AD, com foco na relação entre a linguística e a análise dos sentidos, propondo reflexões sobre a análise automática do discurso (AAD-69). A partir dessa perspectiva, a AD se torna um campo interdisciplinar, expandindo sua análise ao incluir aspectos históricos e ideológicos que são fundamentais para a constituição da linguagem e dos sentidos. A superação da estabilidade lógica dos sentidos, a partir da articulação entre a releitura de Marx por Althusser e a retomada de Freud por Lacan, deu à AD uma perspectiva que coloca o sujeito e os sentidos em constante deslocamento. Esse movimento instável ocorre devido à inserção do sujeito em processos ideológicos e inconscientes que afetam a produção de sentidos, rompendo com a ideia de que o discurso possui uma significação fixa e imutável.

A Análise do Discurso, ao articular a Psicanálise, o Marxismo e a Linguística, oferece uma abordagem interdisciplinar para investigar as complexas relações entre indivíduo, sociedade e linguagem. Nesse quadro teórico, três conceitos fundamentais emergem como centrais: o sujeito, entendido como uma construção discursiva e ideológica; a ideologia, que permeia e estrutura os discursos e as posições dos sujeitos; e o próprio discurso, visto como o espaço onde os sentidos são produzidos, transformados e disputados.

O sujeito, na Análise do Discurso, é entendido como um ser atravessado pela língua e pela história, constituído por determinações ideológicas que escapam à sua consciência plena. Orlandi (2015) enfatiza que o sujeito não é um indivíduo isolado e autônomo, mas um efeito das condições discursivas e ideológicas que o interpelam, moldando sua relação com o mundo e com os outros. Ele, portanto, se inscreve no

texto é o lugar onde o discurso se torna visível e palpável, ou seja, onde se dá a inscrição das condições de produção discursivas em uma forma material, seja escrita ou oral.

discurso a partir de posições predeterminadas que refletem a estrutura social e os valores de sua época.

Já a ideologia é entendida como um elemento fundamental que interage profundamente com a linguagem e o inconsciente, sendo essencial para a constituição dos sentidos. Segundo Orlandi (2015), a ideologia não se reduz a uma simples ocultação ou distorção da realidade, mas funciona como um mecanismo que possibilita a construção de significados, refletindo as relações sociais e históricas. Ela opera através de processos de "esquecimento", que obscurecem a materialidade do sentido e do sujeito, gerando a impressão de que a produção discursiva é autônoma e livre. Dessa forma, a ideologia estabelece limites e fronteiras para o que pode ser expresso, permitindo que os sujeitos se posicionem dentro do discurso, ao mesmo tempo em que são moldados por ele.

O discurso, então, é concebido como um espaço dinâmico onde sentidos e identidades são continuamente construídos e reconstruídos, sempre mediado pela ideologia e pela memória discursiva. Orlandi (2015) ressalta que o discurso não se limita a representar a realidade, mas é um processo ativo que envolve interpretação e re-significação dos significantes em contextos históricos e sociais específicos. Além disso, o discurso é caracterizado por sua heterogeneidade e contradição, não funcionando como um bloco homogêneo, mas como um conjunto de formações discursivas que se articulam e se influenciam mutuamente. Essa perspectiva permite uma compreensão mais rica das relações entre linguagem e sociedade, considerando as condições de produção que moldam o que é dito e como é dito, refletindo, assim, as complexidades da experiência humana.

De acordo com Orlandi (2015), os sujeitos e os sentidos são constituídos simultaneamente pela ideologia. Nesse sentido, discursivamente, o sentido é produzido em três momentos indissociáveis e igualmente importantes hierarquicamente: constituição, formulação e circulação. Conforme a autora (2008, p. 151), os sentidos são produzidos por meio de sua constituição, que ocorrem a partir da memória do dizer, que faz intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo, permitindo que os significados sejam moldados por experiências e narrativas passadas. A formulação, por sua vez, acontece em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas, nas quais o sujeito se posiciona e expressa suas ideias. Por fim, a circulação refere-se aos percursos dos dizeres que se desenrolam em determinadas conjunturas, sendo importante notar que essa

circulação acontece em "meios" onde não há neutralidade, ou seja, os canais de comunicação e as plataformas que veiculam os discursos também influenciam e determinam como os sentidos são recebidos e interpretados.

No que diz respeito à arte, a AD a considera como uma prática discursiva, ou seja, como um campo de produção de significados. Obras de arte, sejam elas visuais, literárias ou performáticas, carregam discursos que podem tanto reforçar quanto contestar ideologias sociais e culturais. Segundo Neckel (2019), por natureza, o discurso artístico é polissêmico⁶, pela sua predominância de características inerentes à ludicidade (como nos demais discursos, o que há é o efeito de fechamento que tende a estancar a polissemia). No discurso artístico, o processo determina o produto, e este processo por sua vez é afetado pelas condições de produção que estão imbricadas nos aspectos histórico, social e ideológico.

Para Leandro Ferreira (2013), é importante, ao pensar a arte, a cultura e a análise do discurso, compreender noções recorrentes como manifestação, cultura, representação, sujeito e olhar. Há ênfase na centralidade do sujeito e da cultura na interpretação da arte, além da interação simultânea desses elementos, muitas vezes de forma inconsciente. Ao abordar a arte contemporânea e sua capacidade de produzir rupturas, são adicionados novos elementos léxico-semânticos, como o objeto, o espaço, o tempo e o corpo.

A análise da arte sob uma perspectiva discursiva, conforme Ferreira (2019), revela que a arte é uma construção onde o sujeito é um protagonista espectador, exercendo papéis tanto ativos quanto passivos. Nesse contexto, a arte impacta os sentidos, levando o sujeito a se desconstruir temporariamente e, em seguida, a restaurar sua compreensão crítica do que foi vivenciado. Esse processo dinâmico permite que o sujeito mantenha a continuidade de sua escuta ou olhar em relação ao objeto artístico.

Ferreira (2019) argumenta ainda que a arte vai além de ser uma forma material que expressa a ordem significante; ela também serve como um meio de expressão das emoções, revoltas, histórias e cultura do sujeito. Seguindo Pêcheux, a arte é um

⁶ A polissemia é, como diz Orlandi (2015), um deslocamento, uma ruptura, a aplicabilidade do diferente e da multiplicidade de sentidos no discurso. É a polissemia que garante que a língua esteja sempre se reinventando.

objeto paradoxal que se move e se configura na direção da estabilidade, da preservação, dos valores, dos costumes e da cultura de um povo. Mas que também opera em sentido inverso na desestabilização, nos desconcertos, na ruptura com essas referências do campo simbólico. e tudo isso se manifesta pelas formas, as quais em seus movimentos e torções produzem os equívocos, as desinformações, as inversões dos padrões estéticos do Belo, do equilíbrio, da perfeição, a partir da ruptura com modelos inscritos de na memória e no imaginário coletivo (Ferreira, 2019, p. 24)

Além disso, Neckel (2019, p. 63) adianta que “[...] o funcionamento da discursividade artística contemporânea desloca a relação artista-espectador e acentua o jogo polissêmico dos sentidos”, e esse intercâmbio de posições nos convida a pensar na experiência de fruição como um movimento de textualização, conforme Gallo (2000). Essa abordagem ressalta a natureza ativa e participativa do espectador na construção de significados, ao mesmo tempo em que ressalta os efeitos e a presença autoral na obra de arte contemporânea.

Em *A Ideia de Cultura*, Eagleton (2005) aborda a cultura como uma tensão entre o natural e o artificial, entre fazer e ser feito. Ele discute a cultura como uma prática que não só celebra a individualidade, mas também a disciplina e regula, trazendo à tona as contradições inerentes à noção de cultura. Atrelado a isso, segundo De Nardi (2011), a cultura é compreendida como um espaço de identificação que organiza a relação do sujeito com o Outro, sendo, ao mesmo tempo, um lugar de coerção, onde o desejo do sujeito é limitado pelas formas sociais de relacionamento. Ademais, a autora coloca a cultura como uma estrutura-funcionamento que naturaliza sentidos e pertence à ordem do simbólico, atravessando as relações entre ideologia e inconsciente:

a cultura está situada na dinâmica entre interioridade e exterioridade, e se vive na tensão de que viemos falando, comporta espaços de liberdade e coerção ao mesmo tempo, já que o assujeitamento às formas sociais de relacionamento com o outro está marcado pela falha. (De Nardi, 2011, p. 2)

Além da tensão entre interioridade e exterioridade mencionada, De Nardi (2011) também discute a cultura como um fenômeno complexo que ultrapassa uma simples oposição entre o natural e o artificial. A cultura, segundo a autora, não pode ser entendida como um "campo fechado", mas como algo em constante transformação, permeado por falhas e incompletudes. É um espaço que tanto acolhe o sujeito quanto impõe limitações, funcionando como um espaço de identificação e

pertencimento, mas também de exclusão. De Nardi sublinha a importância de se pensar a cultura em sua relação com a ideologia, evidenciando que essa naturalização dos sentidos é um processo ideológico que apaga os mecanismos de produção cultural e de subjetivação. Assim, a cultura não é estática; ela se reinventa e seus efeitos estão sempre atrelados ao contexto social e histórico.

Na perspectiva da Análise do Discurso (AD), a cultura é vista como uma estrutura-funcionamento que atravessa os processos de subjetivação do sujeito e se expressa através das práticas discursivas, uma vez que explorar os caminhos da cultura requer “uma reflexão sobre espaços de identificação e, conseqüentemente, sobre a identidade.” (De Nardi, 2007, p. 75). O discurso, por sua vez, materializa as condições ideológicas e culturais que moldam o sujeito e seus modos de dizer. Além disso, De Nardi (2007) ressalta que a cultura não pode ser entendida sem considerar a ideologia, pois ambas se relacionam através da língua e do inconsciente, constituindo os sujeitos e os discursos que eles produzem. Dessa forma, a cultura é sempre um espaço de disputas discursivas, onde significados são negociados e construídos dentro de contextos sociais e históricos específicos.

Rodríguez-Alcalá (2003) sugere uma compreensão profunda da cultura como uma expressão concreta de ideologias em contextos específicos de espaço e tempo. A ideia de que a cultura é uma materialização da ideologia indica que as crenças, valores e normas de uma sociedade se manifestam de forma tangível nas práticas culturais. Isso implica que as manifestações culturais —como arte, linguagem, rituais e costumes— não são meramente estéticas ou superficiais, mas carregam significados ideológicos que refletem as relações de poder e a estrutura social.

Dessa forma, ao analisar essas práticas culturais e artísticas, podemos desvelar como as ideologias se manifestam e operam em diferentes contextos. A seguir, apresentamos as sequências discursivas (SD) e a análise.

3 ANÁLISE

A escolha da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2023 como objeto de análise se justifica, além de sua relevância enquanto instrumento de avaliação, por ser capaz de refletir dinâmicas culturais e sociais contemporâneas no Brasil. O ENEM, sendo um dos principais mecanismos de acesso ao ensino superior no país, não apenas avalia o conhecimento dos estudantes, mas também coloca em

circulação discursos que são fundamentais para a compreensão das questões identitárias, culturais e artísticas na sociedade brasileira, trazendo, naturalmente, impactos para a construção de currículos e organização de práticas docentes.

Ao fazer uma análise das provas anteriores, em comparação com a de 2023, identificamos um aumento de questões que se relacionam à arte e à literatura, que, além das abordagens mais tradicionais, incluíram canções brasileiras e também a literatura contemporânea, como a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, demonstrando uma abertura para novos diálogos e representações no âmbito educacional. Essa abordagem é crucial, uma vez que o reconhecimento e a valorização das culturas afro-brasileiras e da literatura contemporânea são essenciais para a construção de uma identidade nacional plural e inclusiva.

A decisão de adotar a Análise do Discurso como a principal teoria orientadora para a investigação do corpus se fundamenta em sua natureza intrinsecamente interdisciplinar, que transcende a análise linguística do discurso para abranger suas implicações como um produto sócio-histórico, conforme argumenta Pêcheux:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, as expressões, e as proposições são produzidas. (Pêcheux, 2015, p. 190).

Nesse sentido, a Análise do Discurso não só contribui para a interpretação dos sentidos do corpus, mas também influencia diretamente sua constituição. Conforme Courtine (2014), o corpus discursivo é definido como um conjunto de sequências discursivas (SD) estruturado de acordo com um plano específico, vinculado a um estado particular das condições de produção do discurso. Nesse sentido, e com base na reflexão proposta por Courtine (2016) sobre a construção de procedimentos em Análise do Discurso, compreendemos a sequência discursiva como a manifestação de um saber discursivo que emerge no intradiscurso. A construção desse corpus, portanto, não é apenas uma etapa técnica: é, na verdade, uma operação que consiste em concretizar, por meio de um dispositivo material organizado de uma determinada maneira (ou seja, estruturado conforme um plano), as hipóteses estabelecidas na definição dos objetivos de uma pesquisa.

Na Análise do Discurso (AD), não se busca um sentido verdadeiro por meio de uma chave de interpretação predefinida, mas sim se parte de dispositivo

teórico-metodológico para a compreensão dos sentidos (Orlandi, 2015). Nessa perspectiva, cabe ao pesquisador mobilizar a teoria e, durante o processo de análise, formular seus questionamentos, uma vez que são essas indagações que irão orientar o caminho metodológico da pesquisa, levando em consideração diversos conceitos pertinentes ao trabalho em questão. Assim, a análise discursiva se caracteriza pela ativa participação do pesquisador na construção de sentidos, através do diálogo entre teoria, método e corpus, em um processo que busca compreender as diversas camadas de sentido presentes nos discursos investigados.

Desse modo, a análise se desenvolve de maneira contextualizada, considerando não apenas as questões semânticas, sintáticas e morfológicas da linguagem, mas também examinando um contexto mais amplo das materialidades. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente do discurso, levando em conta não apenas sua estrutura linguística, mas também as condições sociais, históricas e ideológicas que o permeiam.

Tendo isso em vista, vejamos a primeira SD abaixo:

SD1 - Questão 33

QUESTÃO 33

TEXTO I



SEGALL, L. **Eternos caminantes**. Óleo sobre tela, 138 x 184 cm. Museu Lasar Segall, IbramMinc, São Paulo, 1919.

TEXTO II

Em 1933, a obra *Eternos caminantes* ingressou em uma das primeiras edições das exposições de *Arte Degenerada*, promovida por membros do partido nazista alemão. Nos anos seguintes, ela voltaria a ser exibida na mostra denominada *Exposição da Vergonha*, promovida por pequenos grupos abastados. Em 1937, essa obra foi confiscada pelo Ministério da Propaganda daquele país, na grande ação nacional-socialista contra a "Arte Degenerada".

SCHWARTZ, J. *Perseguição à Arte Moderna em tempos de guerra*. São Paulo: Museu Lasar Segall, 2018 (adaptado).

Quase cinquenta obras de Lasar Segall foram confiscadas pelo regime totalitário alemão na primeira metade do século XX, entre elas a obra *Eternos caminantes*, considerada degenerada por

- ☐ A representar uma estética tida como inconveniente para o ideário político vigente.
- ☐ B manifestar um posicionamento político-cultural concebido por grupos de oposição.
- ☐ C expressar a cultura artística por meio da representação parcial do corpo humano.
- ☐ D apresentar uma composição que antecipa o imaginário artístico germânico.
- ☐ E estimular discussões sobre o papel da arte na construção coletiva de cultura.

(INEP/MEC, 2023a, p. 15)

A questão 33 (SD1) ilustra a interdisciplinaridade do exame ao abordar a obra "Eternos Caminantes", de Lasar Segall. Ao examinar o contexto histórico em que a pintura foi confiscada pelo regime totalitário alemão na primeira metade do século XX, a questão permite uma compreensão mais profunda não apenas do seu significado artístico, mas também das implicações políticas e sociais daquele período. A menção à "Arte Degenerada", promovida pelo partido nazista, estabelece uma conexão com as políticas de censura e perseguição artística da época, ressaltando a relevância da obra no cenário cultural e histórico do nazismo na Alemanha.

Essa contextualização ampla da questão demanda do estudante não apenas conhecimentos sobre arte e história, mas também uma compreensão dos processos ideológicos e políticos que afetam a produção e recepção cultural da época. Assim, a análise dessa formulação evidencia como as questões da prova apresentam elementos intertextuais, requerendo dos candidatos uma reflexão multidisciplinar e uma compreensão das diversas áreas do conhecimento. O Texto I da SD1 apresenta uma pintura de Segall que representa figuras desumanizadas e distorcidas, remetendo ao sofrimento dos exilados e refugiados. A arte de Segall, de forte cunho expressionista, reflete o deslocamento social e cultural, e busca criticar as condições de vida de grupos marginalizados.

Essa obra se insere em um campo discursivo que vai além de simplesmente retratar a realidade, ao propor uma reflexão sobre o papel do sujeito e as forças sociais que o oprimem. Atua, então, como uma denúncia das estruturas de poder que moldam e limitam o indivíduo, trazendo à tona as tensões e contradições inerentes às práticas sociais e culturais. Ao revelar esses mecanismos, a obra não

apenas reflete a realidade, mas a desconstrói, abrindo espaço para a criação de novos significados e a potencialização de formas de resistência.

No Texto II da SD1, temos uma narrativa sobre como a obra de Segall foi recebida pelo regime nazista, que a considerou parte da "arte degenerada". O conceito de "arte degenerada" (entartete Kunst) foi utilizado pelos nazistas para rotular qualquer forma de expressão artística que se desviasse dos ideais de pureza racial e cultural promovidos pelo regime. Obras de vanguarda, como a de Segall, foram associadas a valores considerados subversivos e incompatíveis com a ideologia dominante. Nessa questão, percebemos como a arte é apropriada e ressignificada em condições de produção específicas. A arte de Segall, que criticava o sofrimento humano e as injustiças sociais, foi rotulada como uma ameaça à ordem estabelecida, promovendo um discurso visual que denuncia a violência estrutural, a exclusão e o sofrimento impostos às minorias.

A alternativa correta é a letra A, que destaca o posicionamento político-cultural contrário ao poder dominante presente na obra de Segall. Sua arte expressa uma crítica social implícita, ao retratar o sofrimento humano de forma crua e perturbadora, o que contrariava os valores de ordem e pureza racial que o regime nazista desejava impor, o que não apenas reflete as realidades históricas e políticas, mas também as confronta, rompendo com o modelo no qual aquela realidade se inseria. A resistência comparece na obra na medida em que as imperfeições e os deslizamentos em sua representação do sofrimento humano se transformam em formas de contestação, pois como afirma Ferreira "a falha, a fissura, o deslizamento não são índices negativos, são *lugar de resistência*, lugar do impossível (nem tão impossível) e do não-sentido (que faz sentido)" (2000, p. 24, grifos da autora).

É possível perceber aqui a articulação entre arte e cultura, mostrando como a produção artística é sempre atravessada pelas condições de produção e pelos efeitos ideológicos. Nesse caso, a arte de Segall é um discurso que, ao ser rechaçado pelo nazismo, demonstra a tensão entre a expressão artística e as forças sociais que tentam controlar os sentidos e a circulação das obras.

Vejamos, então, a segunda SD:

SD2 - Questão 18

QUESTÃO 18

TEXTO I

Alegria, alegria

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não?

VELOSO, C. *Alegria, alegria*. Rio de Janeiro: Polygram, 1990 (fragmento).

TEXTO II

Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais, e mais, e mais, e mais, e mais

VELOSO, C. *Meu coco*. Rio de Janeiro: Sony, 2021 (fragmento).

Embora oriundas de momentos históricos diferentes, essas letras de canção têm em comum a

- A** referência às cores como elemento de crítica a hábitos contemporâneos.
- B** percepção da profusão de informações gerada pela tecnologia.
- C** contraposição entre os vícios e as virtudes da vida moderna.
- D** busca constante pela liberdade de expressão individual.
- E** crítica à finalidade comercial das notícias.

(INEP/MEC, 2023a, p. 10)

A questão 18 (SD2) apresenta dois fragmentos de canções de Caetano Veloso: "*Alegria, alegria*" (1990) e "*Anjos tronchos*" (2021), ambos contextualizando diferentes momentos históricos e aspectos culturais da sociedade. A questão demanda uma leitura crítica da realidade social em dois momentos distintos, o que reflete um aspecto central da cultura: como ela se transforma e é reinterpretada em contextos históricos específicos. A primeira canção, "*Alegria, alegria*", lançada durante a ditadura militar no Brasil, reflete a alienação da população, que não buscava se informar e acompanhar as notícias cotidianas. A letra da música carrega não só a crítica à alienação da população durante a ditadura, mas também pode ser reinterpretada à luz das práticas sociais atuais. Como certas dinâmicas de alienação, superficialidade e falta de engajamento permanecem presentes, sendo atualizadas de acordo com o momento histórico e os meios tecnológicos disponíveis.

É partindo dessa ideia que pode-se perceber que os mesmos questionamentos sobre alienação, consumo desenfreado e passividade frente às notícias podem se aplicar às realidades contemporâneas.

Já o Texto II, "*Anjos tronchos*", de 2021, aborda o impacto da tecnologia, especificamente do Vale do Silício, e das mudanças nos hábitos culturais e de comunicação da era digital. A canção critica a superficialidade e alienação provocadas pelas redes sociais e pela profusão de informações, abordando temas como o vício em tecnologia e a perda de profundidade nas relações humanas. Os dois textos se articulam ao utilizar a arte como um meio de reflexão crítica sobre a sociedade, ao passo que a questão explora como a produção artística pode tanto retratar quanto criticar os valores de uma época. O primeiro texto reflete um período de controle e manipulação midiática, enquanto o segundo aborda a alienação causada pela tecnologia e pelos algoritmos.

Os dois textos juntos numa mesma questão expõem como a alienação social, embora se manifeste de maneiras diferentes, é um fenômeno recorrente e sempre presente nas relações entre sujeitos e sociedade. Ao longo do tempo, a mídia de massa e as tecnologias emergentes transformam o modo como as pessoas interagem com o mundo, mas os efeitos alienantes persistem, seja pela censura, pelo consumo passivo de informação, ou pelo controle algorítmico das redes sociais. A questão convida o candidato a pensar criticamente sobre as mudanças e continuidades nos processos de alienação, sublinhando a função da cultura e da arte como espaços de denúncia, de resistência e reflexão sobre as condições humanas em diferentes momentos históricos.

A resposta correta da questão é a letra B, que destaca "a percepção da profusão de informações gerada pela tecnologia". Isso se alinha diretamente com as transformações culturais atuais, nas quais a arte (no caso, a música) expressa a inquietação sobre o excesso de informações e como isso afeta a dinâmica cotidiana da/na vida moderna. No entanto, é válido refletir se essa alternativa realmente captura a profundidade das problemáticas apresentadas nas canções de Caetano Veloso. A arte, como veiculada por Veloso, também questiona como as narrativas dominantes moldam a cultura e a identidade, o que vai além da simples "profusão de informações". Ao abordar a crítica à alienação presente em "*Alegria, alegria*", é importante notar que a canção reflete uma época de repressão política e manipulação da informação. Já "*Anjos tronchos*" fala sobre os efeitos

contemporâneos da tecnologia na subjetividade, mas ambas as músicas abordam a luta contra formas de controle que limitam o pensamento crítico e a 'autonomia' do sujeito.

Ao pensar, portanto, na adequação da alternativa B como a resposta correta, é essencial considerar que ela pode não dar conta de todas as nuances das canções, especialmente no que diz respeito ao papel da arte como agente crítico que desafia não apenas a profusão de informações, mas também as narrativas que sustentam a alienação e a conformidade. Essa reflexão poderia enriquecer a compreensão dos alunos sobre a intersecção entre arte, cultura e política, estimulando uma análise mais profunda e abrangente das obras.

Partimos, agora, para a SD3:

SD3 - Questão 38

QUESTÃO 38

O mais antigo grupo de rap indígena do país, Brô MCs, surgiu em 2009, na aldeia Jaguapiru, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Os integrantes conheceram o rap pelo rádio, ouvindo um programa que apresentava cantores e grupos brasileiros desse gênero musical. O Brô MCs conseguiu influenciar outros a fazerem rap e a lutarem pelas causas indígenas. Um dos nomes do movimento, Kunumí MC, é um jovem de 16 anos, da aldeia Krukutu, em São Paulo. O adolescente enxerga o rap como uma cultura da defesa e começou a fazer rimas quando percebeu que a poesia, pela qual sempre se interessou, podia virar música. Nas letras que cria, inspiradas tanto pelo rap quanto pelos ritmos indígenas, tenta incluir sempre assuntos aos quais acha importante dar voz, principalmente, a questão da demarcação de terras.

Disponível em: www.correiobraziliense.com.br. Acesso em: 13 nov. 2021 (adaptado).

O movimento rap dos povos originários do Brasil revela o(a)

- A** fusão de manifestações artísticas urbanas contemporâneas com a cultura indígena.
- B** contraposição das temáticas socioambientais indígenas às questões urbanas.
- C** rejeição da indústria radiofônica às músicas indígenas.
- D** distanciamento da realidade social indígena.
- E** estímulo ao estudo da poesia indígena.

(INEP/MEC, 2023a, p. 16)

A questão 38 (SD3) traz uma abordagem sobre o grupo de rap indígena Brô MCs, que se consolidou como o primeiro grupo de rap indígena do Brasil. O texto destaca a influência do rap como forma de expressão e resistência cultural entre os povos originários, com foco em causas como a demarcação de terras e a preservação da cultura indígena. O rap, uma manifestação artística urbana, é apropriado pelos indígenas como uma plataforma para dar visibilidade às suas

causas e expressar suas lutas sociais, combinando elementos da música contemporânea com ritmos e temáticas relacionadas aos povos originários.

Nesse sentido, o movimento do rap indígena articula dois campos aparentemente distantes: a cultura urbana contemporânea e as tradições culturais indígenas. O rap, originalmente uma forma de resistência nas periferias urbanas, é ressignificado pelos povos indígenas para abordar suas realidades específicas. O discurso produzido por esse movimento mostra como as manifestações artísticas urbanas podem ser apropriadas e transformadas por grupos marginalizados para lutar por direitos e visibilidade.

Para Pêcheux (2015, p. 17), essa resistência implica “se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do não-sentido”. Assim, ao subverter os sentidos estabelecidos e as narrativas dominantes, o rap indígena não apenas expressa a identidade cultural de seus criadores, mas também cria novos espaços de significação, onde o que era marginalizado pode emergir como uma poderosa forma de contestação e afirmação.

Essa fusão de manifestações artísticas e culturais revela um hibridismo cultural, em que os jovens indígenas utilizam o rap, não apenas como entretenimento, mas como uma forma de contestação e mobilização social. Esse processo também implica na transformação de sentidos naturalizados que o rap carrega, ao ser inserido em um outro contexto cultural. É possível perceber, aqui, como arte e cultura não são entidades fixas, mas sim processos discursivos dinâmicos, que se adaptam às condições de produção e se transformam ao longo do tempo. O rap indígena é um exemplo de como uma forma de arte pode ser recontextualizada para abordar questões locais e específicas, mantendo ao mesmo tempo sua função de resistência cultural.

Para Pêcheux (1995), as ideologias são constituídas por práticas sociais, não se limitando a ideias abstratas. Nesse contexto, o rap indígena surge como uma expressão cultural que emerge do cotidiano das comunidades, articulando suas lutas e resistências. Essa forma de arte funciona como um espaço que escancara a luta de classes, permitindo que sujeitos e coletivos indígenas ressignifiquem e reconfigurem suas identidades. Ao ressignificar suas experiências, o rap indígena constroi novas formas de subjetividade, refletindo as realidades de opressão e resistência em que esses grupos estão inseridos.

Passemos agora à SD4:

SD4 - Questão 34

QUESTÃO 34

TEXTO I

Logo no início de *Gira*, um grupo de sete bailarinas ocupa o centro da cena. Mãos cruzadas sobre a lateral esquerda do quadril, olhos fechados, troncos que pendulam sobre si mesmos em vaguíssimas órbitas, tudo nelas sugere o transe. Está estabelecido o caráter volátil do que se passará no palco dali para frente. Mas engana-se quem pensa que vai assistir a uma representação mimética dos cultos afro-brasileiros.

TEXTO II



Disponível em: www.grupocorpo.com.br. Acesso em: 2 jul. 2019.

No diálogo que estabelece com religiões afro-brasileiras, sintetizado na descrição e na imagem do espetáculo, a dança exprime uma

- A** crítica aos movimentos padronizados do balé clássico.
- B** representação contemporânea de rituais ancestrais extintos.
- C** reelaboração estética erudita de práticas religiosas populares.
- D** releitura irônica da atmosfera mística presente no culto a entidades.
- E** oposição entre o resgate de tradições e a efemeridade da vida humana.

(INEP/MEC, 2023a, p. 15)

A questão 34 (SD4) apresenta um diálogo entre a dança do espetáculo *Gira*, do Grupo Corpo, e as tradições das religiões afro-brasileiras, através de um texto descritivo e uma imagem. Ao considerar a descrição do espetáculo no Texto I e a materialidade visual no Texto II, observamos que a proposta da dança transcende a simples representação estética e se torna uma forma de diálogo com tradições culturais e religiosas. Sob a perspectiva da Análise do Discurso (AD), a arte é vista não apenas como uma expressão estética, mas como um campo de (re)significações que interage com contextos sociais, políticos e ideológicos.

O Texto I descreve as bailarinas em um estado que sugere transe, evocando uma atmosfera espiritual que ressoa com as práticas religiosas afro-brasileiras. Essa evocação não é mera imitação, mas uma recriação que busca estabelecer uma conexão com rituais ancestrais, como ressaltado na alternativa correta (C) da questão. A relação entre a dança e as tradições afro-brasileiras evidencia um processo de afirmação identitária. O espetáculo Gira não apenas representa, mas recontextualiza e dialoga essas práticas, contribuindo para a valorização de culturas frequentemente marginalizadas. A experiência do transe, além de ser uma técnica performática, é um meio de acessar saberes e experiências coletivas, reforçando o pertencimento e a continuidade cultural.

Além disso, a materialidade visual no Texto II complementa essa leitura ao trazer elementos que intensificam a presença da ancestralidade. As cores, os trajes e a coreografia em si podem ser vistos como um diálogo visual com a espiritualidade das religiões afro-brasileiras. Essa combinação de elementos visuais e performáticos resulta em uma experiência estética que transcende a mera apreciação artística, engajando o leitor em uma reflexão sobre as origens, a resistência e a celebração da cultura afro-brasileira.

Nessa questão, a ideia de resistência se manifesta não apenas na preservação de tradições, mas na sua reinterpretação e no empoderamento das comunidades afro-brasileiras. Ao dar visibilidade a essas práticas, o espetáculo contribui para o combate ao apagamento cultural e para a luta contra preconceitos e estigmas historicamente impostos. A dança se torna uma ferramenta de resistência ao proporcionar um espaço onde as narrativas afro-brasileiras podem ser contadas, valorizadas e reconhecidas.

4 CONCLUSÕES

O ENEM 2023 oferece um espaço relevante para a discussão e problematização dos conceitos de cultura e arte. As questões não apenas ressaltam a importância desses temas no campo educacional, mas também demonstram o papel da arte e da cultura como “ferramentas” de crítica social e resistência. Sob uma perspectiva discursiva, é fundamental compreender a arte e a cultura em suas relações com as condições sociais e históricas de produção, reconhecendo que os processos de significação são sempre fluidos e em constante transformação.

As questões de Linguagens da prova do ENEM 2023 mostram que a cultura e a arte estão intimamente relacionadas às questões sociais e políticas, de modo que a globalização, a interculturalidade e os movimentos sociais são fatores determinantes que atravessam as discursividades sobre cultura e arte na contemporaneidade. Foi possível perceber que as questões aqui tratadas ressaltam a importância da leitura interpretativa no processo de formação dos estudantes do Ensino Médio. Essa proposta de trabalho não apenas estimula a capacidade crítica e analítica dos estudantes, mas também favorece uma compreensão mais profunda das relações entre arte, cultura e sociedade.

Ao estabelecer diálogos entre diferentes textos e contextos - com poesia, música, pintura, por exemplo -, os estudantes são encorajados a refletir sobre as múltiplas significações que emergem das obras, desenvolvendo assim um repertório cultural mais amplo e uma sensibilidade para as nuances das expressões artísticas. Essa prática de leitura interpretativa contribui para a formação de cidadãos mais engajados, capazes de interpretar e questionar o mundo ao seu redor, ao demandar dos estudantes candidatos à prova uma não uma “leitura literal”, mas uma “leitura interpretativa”, conforme propõe Pêcheux (1997, p.57).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)”. *In: Posições*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 66-7.

BRASIL. Ministério da Educação e dos Desportos. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Parte II - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, Distrito Federal, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2009**. Brasília, Distrito Federal, 2009a. 26p.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2009.

COURTINE, J. J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução: Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Policromias**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2016

DE NARDI, F. S. **Um olhar discursivo sobre língua cultura e identidade**: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007

DE NARDI, F. S. Reflexões sobre a cultura no território da AD: um lugar para o conceito de cultura no campo da ideologia, do inconsciente da(s) políticas. *In: Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso – o acontecimento do discurso*: filiações e rupturas, n. 5, 2011, Porto Alegre, RS.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

INEP; MEC. **Exame Nacional do Ensino Médio**: Prova de linguagens, códigos e suas tecnologias e Redação. Prova de ciências humanas e suas tecnologias. 2023a. Disponível em:
<https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD_1.pdf>. Acesso em: 21 fev 2024.

FERREIRA, M. C. L. **Da ambigüidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FERREIRA, M. C. L. O mal-estar sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. *In: DE NARDI. GRIGOLETTO, E. SOBRINHO, H. F. S. Sujeito, Sentido, Resistência*: entre a arte e o digital. Campinas: Pontes Editores, 2019.

FERREIRA, M. C. L. Discurso, arte e sujeito e a tessitura da linguagem. *In: Freda Indursky; Maria Cristina L.Ferreira; Solange Mittmann. (org.). O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 01, p. 127-140.

GALLO, S. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Linguagem em (Dis)curso**. Universidade do Sul de Santa Catarina. V.1, n.1 (2000) – Tubarão: Ed. Unisul, 2000.

NECKEL, N. Corpo imagem – corpo arte: materialidades discursivas. *In*: SIMONE T. H. **O corpo e a imagem no discurso**. Uberlândia: Editora Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. *In*: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp. 61-161, 1969.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 55-66.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 7a. ed. Campinas: Pontes, 2015.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Entre o espaço e seus habitantes. *In*: ORLANDI, Eni. **Por uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 65-84.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 8 ed. Campinas: Cortez Editora, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 12a. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.